



**A Naturalização Das Relações De Gênero Com Evidência Das Escolhas De
Curso Superior Gendrada
Soares Pinto, Érica Jaqueline. ericajsp@gmail.com**

Resumen: Há na educação superior um gendramento em que as mulheres estão mais presentes nas áreas de ciências humanas, sociais e da saúde e os homens, nas áreas das ciências exatas, naturais e tecnologias. Este estudo objetivou analisar como as relações de gênero condicionam as escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio de uma escola pública da Paraíba/Brasil. Utilizou uma abordagem qualitativa através de 20 entrevistas no ano de 2012. A análise evidenciou que a naturalização das relações de sociais confere às mulheres qualidades feminilizadas que as desviam dos caminhos profissionais tecnológicos e científicos e as qualidades masculinizadas instigam os homens a seguirem carreiras que condizem com tais características.

Palabras clave: Gênero. Naturalização das relações sociais. Ensino Médio. Educação Superior.

1. Objetivos o propósitos:

No Brasil, as mulheres são as maiores responsáveis pelos números de ingresso na educação superior e as que mais têm sucesso em sua trajetória acadêmica. Porém estão concentradas em áreas de conhecimento distintas dos homens. Enquanto elas buscam formação em cursos das Ciências Humanas, Sociais, da Educação e da Saúde, eles buscam os cursos das Ciências Exatas e Tecnológicas (INEP, 2013).

Por que há esse gendramento? As relações de gênero podem limitar o leque de opções tanto para mulheres como para homens, restringindo os campos de atuação conforme o sexo? Partindo do pressuposto de que a naturalização das relações sociais leva as mulheres a procurarem carreiras com caráter humanístico, ligadas ao cuidado, e os homens a procurarem carreiras tecnológicas e científicas, buscou-se analisar como as

Organizado por:





relações de gênero condicionam as escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio.

2. Marco teórico:

Refletir sobre a segmentação por sexo e desigualdades de gênero no processo de escolha de curso superior pressupõe compreender o contexto sociocultural em que estamos inseridos/as, as influências da socialização na construção de projetos profissionais e a maneira como as pessoas naturalizam as diferenças sociais, já que mulheres e homens são tratados de forma diferente desde o âmbito familiar, sendo geradas expectativas específicas para cada sexo, favorecendo a dicotomia, a hierarquização e discriminação Abbott et al. (2010).

É por meio da socialização exercida nos diversos espaços de convívio social que adquirimos valores e costumes característicos da nossa cultura e nos integramos a um grupo social (D'ORGEVILLE, 2014). Neste sentido, a **concepção de educação** adotada nesta pesquisa coincide com o conceito de socialização, processo contínuo e inacabado, que se inicia através da socialização experimentada no meio familiar e segue permanente através da socialização secundária, que nos introduz em novos espaços e grupos, em que aprendemos várias manifestações culturais (CURY, 2006). Se aprendermos por meio da educação/socialização a diferenciar as atitudes femininas das masculinas, os padrões de desigualdade de gênero tenderão a se reproduzir (BARRETO, ARAUJO, PEREIRA, 2009) e acabarão influenciando as escolhas de cada um/a. Compreende-se que a divisão de gênero por área do conhecimento é ensinada e aprendida através de várias práticas culturais em vários espaços sociais, sendo que a escola é a instituição que prepara o/a estudante para o trabalho e, desta forma, as escolhas ocupacionais se delinham durante toda a trajetória escolar (CARVALHO, 2010, p. 239).

As relações de gênero, aprendidas no espaço escolar, podem limitar ou influenciar o gosto por determinadas disciplinas escolares, por exemplo, e até mesmo as escolhas ocupacionais e/ou de cursos superiores, quando os/as estudantes terminam o ensino médio, pois, muitas vezes, elas são aguçadas pela valorização de modelos profissionais naturalizados por divisões e hierarquias entre os sexos e gêneros. Segundo Rosemberg e Amado (1992, p. 65):

(...) as mulheres tendem a seguir, em todos os níveis considerados (2º Grau, vestibular, superior), cursos

Organizado por:





impregnados de conteúdo humanístico e voltados para as Letras, que desembocam imediata ou posteriormente em profissões tradicionalmente desempenhadas por mulheres: magistério, artes, enfermagem. Os rapazes seguem preferentemente cursos técnicos.

A pesar de, cada vez mais, esteja aumentando a inserção e sucesso das mulheres na educação superior, verifica-se que este crescimento não é homogeneamente distribuído entre as diversas áreas do conhecimento (DANIELSSON, 2012). As escolhas femininas ainda recaem sobre áreas do conhecimento como “educação, saúde e bem estar social, humanidades e artes – que preparam as mulheres para ocupar os chamados ‘guetos’ ocupacionais femininos” (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2007, p. 56).

3. Metodología:

A pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa no ano de 2012 em uma escola pública de ensino médio localizada em João Pessoa/Paraíba/Brasil. Participaram 20 estudantes do terceiro ano do ensino médio, sendo 9 homens e 11 mulheres (foram identificados/as por nomes fictícios para resguardar suas identidades). A escolha por estes estudantes deu-se por acreditar que as questões de continuidade de estudo são mais evidentes na última série do ensino médio, já que os/as estudantes fazem a opção de continuar os estudos na educação superior e/ou ingressar diretamente no mercado de trabalho.

4. Discusión de los datos, evidencias, objetos o materiales

O caráter humanístico e função de cuidado são fortemente atribuídos às escolhas de cursos das alunas, já o reconhecimento no mercado de trabalho parece ser mais importante para os alunos. Nota-se que mesmo que os cursos superiores não tenham um caráter aparentemente humanístico, as qualidades “femininas” são a ele atribuídas, ou busca-se em tais cursos desenvolver o que foi aprendido como mais próprio para cada sexo. Segundo Cooper et al.(2010) e Burger et al.(2010) o ensino superior é sexista e frequentemente as mulheres vivenciam um “clima frio” que as deixa em condição de desvantagem, principalmente em cursos dominados por homens, como engenharia, ciências, matemática, tecnologia da informação e

Organizado por:





computação. Esse clima frio, que inclui ações sexistas sutis, como o maior encorajamento de homens do que de mulheres em atividades acadêmicas, o uso de exemplos de masculinidade e feminilidade estereotipados, a atribuição das conquistas femininas a algo, acaba excluindo as mulheres dos cursos tecnológicos (PRESTON, 1994). A divisão sexual do trabalho define relações sociais desiguais em que a segregação das mulheres se manifesta, por exemplo, na ocupação de postos/funções mais baixas, na invisibilidade em algumas áreas do conhecimento e nos “trabalhos em nome da natureza, do amor e do dever maternal” (KERGOAT, 2009, p.68).

Embora a estrutura familiar venha passando por mudanças, com algumas mulheres participando das despesas domésticas e outras assumindo a condição de chefe de família, a ideia de que os homens devem prover sua família e por isso precisam ganhar mais também foi um fator que orientou as escolhas de cursos de alguns rapazes. Hirata (2002), em suas pesquisas sobre o mercado de trabalho, mostra que a vivência do desemprego é mais preocupante entre os homens, por serem eles os provedores da família.

Numa cultura androcêntrica, as relações de gênero adentram vários espaços, dentre eles, o escolar, onde também se veiculam expectativas diferentes para cada sexo e se (re)produzem preconceitos e discriminações. Embora a escola seja uma instituição que visa à cidadania, ela se caracteriza, ainda hoje, como lugar de hierarquização entre os direitos e os deveres de meninas/mulheres e meninos/homens. Alguns/as alunos/as

declararam situações de preconceito e discriminação de gênero na escola, indicando que grande parte surge dos/as professores/as. Revelaram como mulheres e homens são estimulados/as de formas diferentes para algumas disciplinas: as meninas são favorecidas, segundo os meninos, porque são mais fracas; já os meninos são distinguidos porque são mais promissores.

De acordo com Silva, Halpern e Silva (1999, p.213), “os meninos e meninas recebem educação muito diferente, embora sentados na mesma sala, lendo os mesmos livros didáticos, ouvindo o mesmo professor”. Nesta dinâmica, o desempenho escolar, as oportunidades e as escolhas de carreiras universitárias das alunas e alunos são generificados. As justificativas sexistas dos/as professores/as quanto às diferenças no rendimento escolar entre meninas e meninos colaboram para naturalizar as habilidades cognitivas como masculinas ou femininas.

Entende-se que se os/as professores/as têm uma imagem sexista sobre as carreiras profissionais e sobre a aprendizagem dos/as alunos/as, estes/as passarão a estimular meninas/mulheres e meninos/homens de forma diferencial e dicotômica e os/as estudantes tenderão a corresponder às expectativas. À medida que

Organizado por:





professores/as passam suas “leituras” e concepções de educação gendrada, a formação dos/as estudantes/as como sujeitos, como estudantes e como futuros trabalhadores/as se dará desta forma. A vivência escolar e o aprendizado que lá é promovido pode contribuir para a (re)produção de valores sexistas e os/as alunos/as podem tender a se avaliarem como mais aptos/as para determinadas atividades e disciplinas.

Conforme Cruz (2012, p. 291), “em geral, a escolha de curso e carreira diz respeito à autoimagem e à percepção pessoal de que caminhos e alternativas lhes são oferecidas”. Se são oferecidos caminhos gendrados, as autoimagens dos/as estudantes se configurarão da mesma forma e, conseqüentemente, suas escolhas também. Se a divisão sexual do trabalho determina o interesse das mulheres por certas profissões é porque, além desse sistema sexuado estar objetivado nas ocupações, ele atua no prolongamento das funções domésticas de ensino, cuidado e serviços e, por outro lado, confere aos homens autoridade da manutenção de objetos técnicos e máquinas na esfera pública (BOURDIEU, 2011).

5. Resultados y/o conclusiones

Verificou-se que a naturalização das relações de sociais confere às mulheres qualidades feminilizadas que as desviam dos caminhos profissionais tecnológicos e científicos. Do mesmo modo, as qualidades masculinizadas instigam os homens a seguirem carreiras que condizem com tais características. As relações de gênero no âmbito da escola e outras instituições sociais naturalizam e sexualizam os campos de conhecimento, por isso, os saberes, os interesses e as escolhas vão sendo generificados. O reforço de uma suposta natureza feminina e masculina leva os/as estudantes a terem o entendimento gendrado sobre as ocupações/profissões e seus futuros. As relações de gênero, fortemente construídas, destinam meninos/homens e meninas/mulheres a constituírem grupos segregados voluntariamente ou não.

É preciso desconstruir estereótipos naturalizados de feminilidade e masculinidade que ainda influenciam as escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio. A escola, instituição formal de educação que prepara para o mercado de trabalho, deve visar à formação integral do indivíduo e o respeito à diversidade, partindo da compreensão de que antes das mulheres entrarem na universidade e mercado de trabalho, elas precisam ser estimuladas a gostarem de áreas tecnológicas e científicas para diminuir sua segregação em profissões humanísticas e desvalorizadas. Ao mesmo tempo, é preciso valorizar as atividades reprodutivas e de cuidado e nelas incluir os homens. Avançar na questão da equidade de gênero requer a compreensão do seu caráter relacional e desconstrução de estereótipos que atribuem às mulheres e aos homens características relacionadas à biologia.

Organizado por:





6. Contribuciones y significación científica de este trabajo:

Atingir a equidade de gênero pressupõe compreender que gênero é uma categoria social e que a sociedade androcêntrica gera desigualdades ao naturalizar as relações sociais, reduzindo homens e mulheres a habilidades e competências biológicas. Refletir sobre isto é imprescindível para que mais mulheres se sintam estimuladas e preparadas a participar e ocupar “lugares” de poder e prestígio ditos masculinos. Há a necessidade de pensar em estratégias pedagógicas e políticas para desconstruir o caráter binário e dicotômico das construções de gênero a partir da escola. A relevância desta problemática aqui exposta dá-se justamente pelo fato de ser importante por em discussão tal temática a fim de disseminar a informação entre estudantes, professores/as, pesquisadores/as e estimular o interesse de novas investigações científicas nesta área.

7. Bibliografía

- Abbott, G. et al. Gender equity in the use of educational technology. In: Klein, S. S. (Gen. Ed.). *Handbook for achieving gender equity through education*. 2. ed. New York and London: Routledge, 2010. p. 191-214
- Barreto, A.; Araujo, L.; Pereira, M. E. (2009) *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília: SPM.
- Bourdieu, P. (2011) *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bruschini, C.; Lombardi, M. R. (2007) Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes. In: Hirata, H.; Segnini, L. (Coord.). *Organização, trabalho e gênero*. São Paulo: Editora Senac, p. 43-87.
- Burger, C.; Abbott, G.; Tobias, S.; Koch, J.; Vogt, C.; Sosa, T. Gender equity in science, engineering, and technology. In: Klein, Susan S. (Gen. Ed.). *Handbook for Achieving Gender Equity through Education*. 2. ed. New York and London: Routledge, 2010. p. 255-279.
- Carvalho, M. E. P. de. (2010) Gênero, educação e ciência. In: Machado, C. J. S.; Santiago, I. M. F. L.; Nunes, M. L. S. (Org.). *Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Grande: EDUEPB, p. 231-248.
- Cooper, J. et al. Improving gender equity in postsecondary education. In: Klein, S. S. (Ed.). *Handbook for achieving gender equity through education*. New York: Routledge, 2010. p. 631-653.
- Cruz, M. H. S. (2012) *Mapeando diferenças de gênero no ensino superior da*

Organizado por:





Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: Editora UFS.

- Cury, C. R. J. (2006) *Educação escolar e educação no lar: espaços de uma polêmica*. Educação e Sociedade, v. 27, n. 96 (Especial), p. 667-688.
- Danielsson, A. T. Exploring woman university physics students 'doing gender' and 'doing physics'. *Gender and Education*. Vol 24, nº 1, January, p. 25- 39, 2012.
- D'Orgeville, C.; Rigaut, F.; Maddison, S.; Masciadri, E. (2014) Gender equity issues in astronomy: facts, fiction, and what the adaptive optics community can do to close the gap PDF *Proc. SPIE*. 9148, Adaptive Optics Systems IV, 91481V. doi: 10.1117/12.205908
- Hirata, H. (2002) *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo. Boitempo.
- INEP. (2013) *Censo da educação superior: 2011 – resumo técnico*. Brasília: INEP.
- Kergoat, D. (2009) Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata, H.et al. (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP. p. 67-75.
- Preston, A. E. Why have all the women gone? A study of exit of women from the science and engineering professions. *The American Economic Review*, v.84, n.5, p.1446-1462, 1994.
- Rosemberg, F.; Amado, T. (1992) *Mulheres na escola*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 80, p. 62-74.
- Silva, C. A. D.; Halpern, F. B. S. C.; Silva, L. A. D. (1999) *Meninas bem comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados*. Cadernos de Pesquisa, n. 107, p. 207-225

Organizado por:

